

A teoria do estado poético é sempre uma teoria da literatura quando é uma teoria da criação.

MIKEL DUFRENNE
(O poético, 1969)

QUE É POÉTICA EM JOSUÉ MONTELLO?

Maria Teresa dos Santos Arantes
Mestrado de Teoria Literária - PUC/RS

Universidade S. Úrsula - RJ

Por uma experiência de leitura (e de reescrita) da teoria do estado poético em *História de Os tambores de São Luís*, de Josué Montello.

A poética não é nenhum modelo de literatura. É informação de um sentido a *Os tambores de São Luís*¹ sob a forma de código.

As barras // distinguem os subcódigos e a leitura semântica onde controlamos a poética.

As aspas "" inferem o discurso de MONTELLO. Única exceção é a palavra **corpus**.

Este trabalho isola o subcódigo /História deste livro/ dimensiona a contigüidade no código entre linguagem (literária) e metalinguagem, e prevê o valor em MONTELLO.

O código admite experiências de leitura (e de escrita) do discurso literário e nos sugere a substituição metafórica /História deste livro/ em lugar da narrativa. A substituição não subverte escolhas específicas de decodificação de /Os tambores de São Luís/ mas compreende outra narrativa. O discurso de MONTELLO redescobre a contigüidade no código e implica uma articulação de subcódigos. A articulação é o discurso literário entre a história e a crítica.

O discurso literário procede ao mesmo tempo do subcódigo /História deste livro/ e da relação de sentido subcódigo a subcódigo entre narrativa e um "corpus" de metalinguagem.²

O próprio da metalinguagem pensa regras de combinação de eixos semânticos: o da temporalidade enquanto tempo da narrativa e o da historicidade enquanto figura da narrativa. A esta temporalidade e historicidade corresponde uma **narratividade**. A narratividade estabelece a prática do adjetivo literário como referência retórica e/ou estética. O literário assume função perceptiva de comunicação na retórica e recebe função perceptiva de significação na estética. A experiência de leitura (e de reescrita) consiste essencialmente na interpretação do subcódigo /História deste livro/ e torna-se **poética**.

A experiência de leitura (e de reescrita) do subcódigo subcreve o procedimento de ECO³ e considera (1) o /livro/ como série de mensagens que dispõe MONTELLO ao universo do discurso, (2) o /deste/ como conotação que dispõe o leitor virtual a uma ideologia e (3) a /História/ como contexto que dispõe o discurso a uma circunstância de comunicação. A articulação passa de discurso literário a discurso crítico.

/livro/ não é o subcódigo /Os tambores de São Luís/ mas denota o significante da narrativa e comunica a "unidade de uma parábola da vida". MONTELLO decide a concordância do gerúndio, pretérito e tempos compostos, sustenta a temporalidade (da estória e do discurso) e remete o código a interseções contíguas das mensagens:

A memória da preta mina Verônica,
que me benzeu com seu raminho de arruda.
Negros del continente, al Nuevo Mundo
habeis dado la sal que le faltaba:

1 MONTELLO, J. *Os tambores de São Luís*, 2. ed. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio, 1976.

2 É a formalização de uma linguagem própria para descrever o discurso de MONTELLO. Eixos semânticos são de GREIMAS como probabilidade de escolha das unidades semânticas (1971, 31-2) onde temporalidade preenche o traço linear /v/ não-linear da narrativa como discurso (TODOROV: 1971, 232-36) e historicidade, o traço metonímia /v/ não-metonímia da narrativa como figura (GENETTE: 1972, 41-63). A naratividade tem uma forma de linguagem de conotação textual (ARRIVÉ: 1973, 279) que se nos põe o literário enquanto relação atributiva entre linguagem e metalinguagem. O literário se revela ao leitor virtual eficácia e prática (DUBOIS: 1970, 31), de determinado eixo semântico como referência retórica; e, ambigüidade (JAKOBSON: 1970, 119) do subcódigo em relação ao eixo semântico como referência estética. A poética marca a prática metalingüística de uma teoria da literatura (TELES: 1976, 238).

sin negros no respiran los tambores
y sin negros no suenan las guitarras.

PABLO NERUDA
Bailando con los negros

Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas
capas se torceram, haviam de lançar sangue!

PADRE ANTÔNIO VIEIRA
Sermão da Primeira Dominga da Quaresma

Na minha meninice abri os olhos inquietos e maravilha-
dos para as danças e cerimônias religiosas desenrolan-
do-se no tradicional terreiro da Casa-Grande das Minas,
e meus ouvidos, rudes e frágeis — como conchas bival-
ves à margem do Oceano — ressoaram com as vozes
dos tambores e das gargantas enchendo as noites de
melodias e frases que nenhuma boca humana pôde
conspurcar.

NUNES PEREIRA
A Casa das Minas

A contigüidade no código entre linguagem e metalinguagem
mostra o universo do discurso e carrega a leitura de metáfor-
as estéticas (e previsíveis). É o repertório de unidades semân-
ticas em relação ao /livro/. O repertório envolve o lexema /me-
mória/ em relação à /Casa-Grande/ onde MONTELLO /benzeu
bailando/ /sermão/ depois de /mina/⁴. O discurso literário se
nos afigura por inteiro metonímia dentro do subcódigo, cons-
titui tempo de escrita (e de leitura) como referência retórica e
instaura a narrativa pela referência estética da história como
metáfora.

/deste/ não é o subcódigo /História deste livro/ mas co-
nota o significante da narrativa e registra "história deste ro-
mance". MONTELLO acrescenta a parábola da narrativa, sur-
preende os sistemas de expectativas ideológicas⁵ e indica ex-
periência de escrita (e de leitura).

3 Cf. ECO, U. Os percursos do sentido. As formas do conteúdo. Trad. de
Pêrola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Univ. de São Paulo,
1974, p. 67-70. (Col. Estudos).

4 A contigüidade de lexemas, porque vem da nossa experiência de leitura,
reconhece: (1) o tempo da narrativa em /memória/, (2) o lugar da narrativa
em /Casa-Grande/, (3) o paternalismo de MONTELLO com relação ao dis-
curso em /benzeu/, (4) o aspecto durativo em /bailando/, (5) a prática do
adjetivo literário em /sermão/ e (6) a figura da narrativa em /mina/.

A parábola da narrativa abre ao leitor virtual uma Poética
e uma Retórica. A Retórica estimula o "interesse" e gera a ex-
periência (de escrita) num triplo argumento: recurso à autori-
dade de "Alphonse Daudet", solução estilística de "germina-
ção misteriosa" e preterição de "o relato de uma dinastia de
negros, todos com o nome de Damião, no curso de três sécu-
los de história maranhense". A formulação de "um clarão" ex-
clui todavia a narrativa como estória de /Os tambores de São
Luis/, determina a narrativa como discurso e sublinha a Poé-
tica por (1) encaixamento "das várias narrativas" em "duas li-
nhas narrativas, de modo que ambas se fundissem, numa
perfeita harmonia de planos, na derradeira página do romance",
(2) semelhança entre o tempo da estória e do discurso em "o
encontro de um negro assassinado dentro de um bar, numa
velha noite de 1915" e (3) complementaridade do plano da cria-
ção no plano do documento com "um dos seus episódios ca-
pitais, o famoso crime da Baronesa de Grajaú, de tanta reper-
cussão na sociedade maranhense do tempo do Império". O dis-
curso literário se nos propõe por completo metonímia dentro
do subcódigo, experimenta história como referência retórica e
ancora a narrativa pela referência estética do tempo de escrita
(e de leitura) como metáfora.

/História/ não é o subcódigo /Que é poética em Josué
Montello?/ mas condiciona o significante da narrativa e esco-
lhe o processo de decodificação poética. MONTELLO favore-
ceu o discurso crítico, deslocou experiências aleatórias de lei-
tura na presença de uma realidade⁶ e resolveu o ruído semân-
tico de /História deste livro/.

O discurso crítico, nesta circunstância de comunicação, co-
lheu a marca morfológica narratividade. /História deste livro/
alimentou sua referência retórica (e /Os tambores de São Luis/

5 Os sistemas de expectativas ideológicas, como observa ECO (1971, 83-93),
são códigos do leitor virtual. Quando MONTELLO acrescenta /História des-
te livro/, perturba a regra de previsibilidade do tipo: história apresentaria
paráfrase da narrativa como estória, mas predispõe ao leitor virtual a leitura
de /Os tambores de São Luis/ porque salienta a narrativa como discurso.

6 A presença de uma realidade surge como a própria circunstância de comu-
nicção (ECO: 1971, 40-46) em que o professor Dr. Josué Montello, no
Seminário de Literatura Brasileira realizado pelo Curso de Pós-Graduação
em Linguística e Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul em colaboração com DAC/MEC a 7, 8 e 9 de julho de 1977, orien-
tou o processo de decodificação de Os tambores de São Luis e induziu o
valor do seu discurso na literatura brasileira. A circunstância não controlou
diferentes significados mas nos deu escolha combinativa do tipo: metalinguagem
+ história + crítica, e possibilitou esforços de fidelidade do código
de interpretação crítica e teórica.

lhe promoveu a estética) com conhecimento do "meu velho mestre e companheiro Nunes Pereira" + imaginação "das velas acesas enquanto retumbam os tambores e dançam as noviches vestidas de branco" + escrita "com os dicionários ao alcance das mãos" + leitura de "uma cigarra afrita, caída de costas". O discurso literário se nos pareceu de imediato metonímia dentro do subcódigo, delimitou /História deste livro/ como referência retórica e manipulou /Os tambores de São Luís/ pela referência estética de narrativa como metáfora.

A narrativa não é /metáfora/ do subcódigo mas institui os subcódigos figura e abafa o "corpus" de metalinguagem. MONTELLO realça o próprio do discurso literário, desperta "um traço de ingenuidade"⁷ e manifesta a narrativa entre /Os tambores de São Luís/ e /História deste livro/.

O próprio do discurso literário se guarda no silêncio do código. A parábola ultrapassa o significante da narrativa, explica o subcódigo /História deste livro/ com "o canto de uma cigarra" e recupera a contigüidade no código entre metáfora e canto⁸. O discurso literário se nos mascara canto dentro do código, assimila silêncio como referência estética da parábola como metáfora.

A parábola não é nada dentro do código. Nenhum canto de escrita (e de leitura) assemelha-se ao é. MONTELLO nos situa apenas o procedimento da forma épica, e sobretudo a possibilidade do silêncio funcionar como diacronia. É o valor de narratividade em relação ao /história-de-família/. O valor decorre da memória de "A Casa das Minas", publicado em 1947, com uma introdução de Artur Ramos, assinala o espaço de identidade no discurso de VIEIRA (e de NERUDA) e sulca da benção (de Verônica) o homem e a palavra.⁹ A articulação passa de discurso crítico a discurso histórico.

O homem não é valor /parábola/ mas especifica o canto e projeta a tarefa do intérprete. MONTELLO anima o "aplausos",

retorna à consciência ingênua e prende o código entre a história e a crítica.

/História deste livro/ instrui a priori específicos¹⁰ em /Os tambores de São Luís/. O sentido nasce na disposição de vida: a literatura descobre história possível porque a crítica estimula a metonímia. A poética se anuncia a experiência de escrita (e de leitura) do canto, coloca o valor na presença do próprio código e desvela a aventura possível do estado poético. O valor é ser experiência de escrita (e de leitura) do "Alguém aqui sabe ler?". MONTELLO acrescenta-se-nos o jogo de linguagem (literária)/ metalinguagem e se nos penetra uma história do discurso literário.

7 Cf. GENETTE, G. *Métonymie chez Proust*, Figures III. Paris, Seuil, 1972, p. 41-63. (Col. Poétique) para a concepção de figura como universo espaço-temporal da narrativa. Cf. BACHELARD, G. *La poétique de l'espace*. Paris, Presses Universitaires de France, 1967 para a concepção de imagem poética como consciência ingênua.

8 A linguagem literária suspende o sentido puramente lingüístico e se refugia no silêncio do texto. Este silêncio inventa códigos de valores estéticos e se mostra tanto mais retórico quanto maior a experiência de leitura (e reescrito) do leitor virtual (TELES: 1976, 16). O silêncio em MONTELLO percorre a substituição metafórica de subcódigos. A metáfora «canto de uma cigarra» apresenta a prática metonímica (ECO: 1974, 91) porque verificamos o discurso na parábola e a saga no «canto». O traço semântico /história-de-família/ (JOLLES: 1972, 62) leva ao valor em MONTELLO entre a história e a crítica.

9 A saga não diz outra coisa senão a sintaxe (FOUCAULT: 1966, 50) e articula «os mistérios do querebetã negro» em PEREIRA + evangelização da luta em VIEIRA (e em NERUDA) + fechamento do discurso em ALENCAR (Verônica). A diferença, todavia, se escreve na e pela repetição de /história-de-família/.

10 Cf. DUFRENNE, M. *Intencionalidade e estética*. Estética e filosofia. Trad. de Roberto Figurelli. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 87. (Col. Debates) para a concepção de a priori como qualificação do sujeito e do objeto.

- ARRIVÉ, Michel. La sémiotique littéraire. **Le langage**. Dir. de Bernard Pottier. Paris, Retz, 1973. (Les encyclopedies du savoir moderne).
- BACHELARD, Gaston. **La poétique de l'espace**. Paris, Presses Universitaires de France, 1967.
- DUBOIS, Jean et alii. **Rhétorique générale**. Paris, Larousse, 1970. (Col. Langage et langue).
- DUFRENNE, Mikel. As figuras do poeta. **O poético**. Trad. de Luiz Arthur Nunes e Reasylyvia Kroeff de Souza. Porto Alegre, Globo, 1969.
- _____. Intencionalidade e estética. **Estética e filosofia**. Trad. de Roberto Figurelli. São Paulo, Perspectiva, 1972, (Col. Debates).
- ECO, Umberto. **A estrutura ausente**; introdução à pesquisa semiológica. Trad. de Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Univ. de São Paulo, 1971. (Col. Estudos).
- _____. **As formas do conteúdo**. Trad. de Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Univ. de São Paulo, 1974. (Col. Estudos).
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Trad. de Antônio Ramos Rosa. Lisboa, Portugalia, 1966.
- GENETTE, Gérard. Métonyme chez Proust, **Figures III**. Paris, Seuil, 1972. (Col. Poétique).
- GREIMAS, A. J. **Semántica estructural**; investigación metodológica. Trad. de Alfredo de la Fuente. Madrid, Gredos, 1971. (Biblioteca Románica Hispánica).
- JAKOBSON, Roman. **Lingüística e poética**. Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Pass. São Paulo, Cultrix, 1969.
- JOLLES, André. **Formes simples**. Trad. de Antoine Marie Buguet. Paris, Seuil, 1972. (Col. Poétique).
- MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luís**. 2. ed. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio, 1976.
- TELES, Gilberto Mendonça. **A poética de Mário de Andrade**. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**, 3. ed. Petrópolis, Vozes; Brasília, INL, 1976.
- _____. Pressupostos teóricos. **Camões e a poesia brasileira**. 2. ed. São Paulo, Quíron; Brasília, INL, 1978.
- TODOROV, Tzvetan. **As categorias da narrativa literária**. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, Vozes, 1971. (Col. Novas Perspectivas de Comunicação/1).